

Ed. Lourenço

28 set 83

É como bater num muro
de silêncio.

Os termos da luta não
~~são~~ são iguais:

Ao mesmo tempo, é necessário
~~marcar~~ ocupar espaço.

O civismo m.^{to} apagado;

Fundação Cuidar o Futuro

Documento e/ dados sucintos
e/ perspectiva clara
no mundo moderno;
crítica técnica às colúmpas.



Vizela suspensa do futuro da Assembleia da República

Germano Silva

A vida em Vizela estava ontem normalizada depois dos incidentes ali ocorridos durante a noite de quarta para quinta-feira e também durante este último dia.

«Chocada com a atitude dos deputados da maioria», segundo Manuel Campelos, líder do Movimento para a Restauração do Concelho, a população de Vizela reagiu obstruindo as principais vias de acesso à vila, levantando barricadas. Mas ontem, quinta-feira, a vida decorria ali normalmente e a

própria população trabalhava na desobstrução das vias de acesso à vila.

A população está agora suspensa da decisão que venha a ser tomada pelo Presidente da República em relação ao Parlamento.

E explicou o mesmo dirigente: «Se Ramalho Eanes dissol-

ver a Assembleia da República e convocar eleições antecipadas, temos a esperança de que dentro de 190 dias haverá um novo Parlamento e que esse Parlamento terá uma constituição diferente da que tem hoje, ou seja: os que agora são maioria amanhã estarão em minoria e então as nossas pretensões serão atendidas porque a actual minoria (que será a maioria de amanhã) tem estado ao nosso lado...»

«Não haverá mais eleições»

Entretanto está marcada para hoje (sexta-feira) à noite uma importante reunião na Casa do Povo de Vizela durante a qual pode ser aprovada uma proposta que aponta no sentido de que, futuramente, Vizela passe a cobrar e a administrar os impostos que até aqui têm sido pagos a Guimarães.

Um activo elemento do MRCV disse ao nosso jornal que foram já feitas várias consultas jurídicas no sentido de se encontrar a melhor forma de pôr em prática essa medida que pode ser aprovada e entrará em funcionamento no caso de o Presidente da República não optar pela dissolução do Parlamento.

Quanto à realização de novas eleições trata-se de uma hipótese que os vizelenses parecem re-

cusar. Pelo menos é o que temos de concluir das declarações que um terceiro elemento do MRCV fez a «O Jornal» quando nos garantiu que se houver convocação para a repetição do acto eleitoral «a população da área do futuro concelho de Vizela responderá com uma total abstenção». Disse mais e de forma peremptória: «Aqui, enquanto Vizela não for sede de concelho, não haverá mais eleições, seja para o que for...»

Entretanto, e na sequência desta situação, mantém-se o impasse na Câmara de Guimarães que continua a ser gerida pelo executivo saído das eleições de 1979 de maioria AD. Nas eleições de 12 de Dezembro do ano passado a Câmara passou para o PS mas os autarcas eleitos não podem tomar posse enquanto não estiver resolvido o problema de Vizela.

A fúria dos vizelenses

«A AD, ao votar contra a criação do concelho de Vizela, perdeu mais uma tábua do seu caixão» — dizia Manuel da Costa Campelos, representante do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela, desabafando, mãos tensas e olhos húmidos, a sua ainda tênue esperança de que, como lhe tinha sido garantido, alguns deputados do PSD abandonariam a sala no momento da votação do projecto.

Tal não aconteceu e, ao fim de sete horas de espera, a revolta e a ira, custosamente contidas, explodiram com uma violência invulgar no Palácio de S. Bento. Num segundo, as centenas de Vizelenses que enchiam por completo as galerias, levantaram-se e cantaram, de

punho erguido..., o Hino Nacional.

Depois foi o pânico. Durante cerca de dez minutos agentes da PSP tentaram, evacuar as galerias onde se sucediam os desmaios, as crises de choro e desespero em que a assistência descontrolada se tinha envolvido. Um cinzeiro de parede, um holofote, sapatos, um corta-unhas, jornais e outros objectos foram atirados para o hemisfério chegando a ferir ligeiramente um deputado socialista. Cá fora, entre alguns vidros partidos, verificaram-se tentativas de agressão a deputados dos grupos parlamentares que fizeram derrotar o projecto. Não se fizeram detenções segundo informação do Comando Distrital da PSP de

Lisboa, mas houve viaturas amachucadas, como a de Narana Coissoró.

Mais tarde, todos os vizelenses se dirigiram para as camionetas estacionadas no Parque Eduardo VII, de regresso à sua terra. Levavam na bagagem a desilusão, a raiva, mas também a certeza de que a «luta vai continuar» e que, apesar de tudo, segundo palavras de um dos presentes no debate «valeu a pena vir a Lisboa, mesmo sabendo da rasteira que nos tinham preparado com a história da Lei-Quadro». «Valeu a pena — disse — lutar pela liberdade e assistir ao péssimo trabalho dos deputados que se intitulam representantes do povo mas que são incapazes de se comportar como tal.»

Fundação Cuidar o Futuro

04.1204040404

O JORNAL

21 / 1 / 1983

7265